

IMITAÇÃO DE CRISTO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Thomas, à Kempis, 1380-1471

Imitação de Cristo / Tomás de Kempis ; tradução de Luciano Rouanet Bastos. – 5. ed. – São Paulo : Paulus, 2025.

(Coleção Clássicos de bolso – Espiritualidade)

ISBN 978-85-349-5780-9

Título original: *De imitatione Christi*

1. Jesus Cristo - Meditações 2. Jesus Cristo - Obras anteriores a 1800 3. Vida cristã I. Título II. Bastos, Luciano Rouanet III. Série

25-2986

CDD 242.72

Índice para catálogo sistemático:

1. Jesus Cristo - Meditações

Coleção CLÁSSICOS DE BOLSO - ESPIRITUALIDADE

- *Confissões*, Santo Agostinho
- *História de uma alma*, Santa Teresinha
- *Imitação de Cristo*, Tomás de Kempis
- *Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem Maria*,
São Luís Maria Grignion de Montfort
- *O caderno dos meus pecados: autobiografia*, Santa Gemma Galgani
- *Livro da vida*, Santa Teresa de Jesus
- *Caminho de perfeição*, Santa Teresa de Jesus
- *Castelo interior ou moradas*, Santa Teresa de Jesus
- *Filoteia: introdução à vida devota*, São Francisco de Sales
- *Tratado sobre o amor de Deus*, São Bernardo
- *O amor da sabedoria eterna*, São Luís Maria Grignion de Montfort

IMITAÇÃO DE CRISTO

Tomás de Kempis

Tradução: Luciano Rouanet Bastos



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Título original: *De Imitatione Christi*

Direção editorial

Pe. Jakson Ferreira de Alencar

Gerência editorial

Elisa Zuigebert

Revisão

Tiago José Risi Leme, Albertino Bramuge

Design

Leonardo Cerretti

Imagem da capa

Getty Images

Impressão e acabamento

PAULUS

5ª edição, 2025



Conheça o catálogo PAULUS
acessando: paulus.com.br/loja,
ou pelo QR Code.
Tele vendas: (11) 3789-4000 /
0800 016 40 11

© PAULUS - 2025

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091
São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-5780-9

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	11
Datação e autoria	11
A <i>Devotio moderna</i>	14
Destinatário da <i>Imitação</i>	16
Quem tem medo da <i>Imitação</i> ?	17
Estrutura e espiritualidade	20
Obra esquecida?	24
Notas da Introdução	27

Livro I - A VIDA ESPIRITUAL

Capítulo 1 – A imitação de Cristo e o desprezo do mundo e de todas as suas vaidades	39
Capítulo 2 – O humilde conhecimento de si próprio	41
Capítulo 3 – A doutrina da verdade	43
Capítulo 4 – A prudência no agir	45
Capítulo 5 – A leitura das Santas Escrituras	46
Capítulo 6 – Os afetos desordenados	47
Capítulo 7 – A vã esperança e a ativez das quais se há de fugir	48
Capítulo 8 – A excessiva familiaridade que se há de evitar	49
Capítulo 9 – A obediência e a sujeição	50
Capítulo 10 – A superfluidade de palavras, algo a evitar-se	51
Capítulo 11 – A paz a procurar-se e o zelo em progredir	52
Capítulo 12 – A utilidade da adversidade	54
Capítulo 13 – As tentações, a que se há de resistir	55
Capítulo 14 – O juízo temerário, que se há de evitar	58
Capítulo 15 – As obras feitas por caridade	59
Capítulo 16 – O sofrimento dos defeitos de outros	60
Capítulo 17 – A vida monástica	62
Capítulo 18 – Os exemplos dos santos Padres	63
Capítulo 19 – Os exercícios do bom religioso	65
Capítulo 20 – O amor da solidão e do silêncio	68
Capítulo 21 – A compunção do coração	71

Capítulo 22 – A condição da miséria humana	73
Capítulo 23 – A meditação da morte	76
Capítulo 24 – O juízo e as penas dos pecadores	79
Capítulo 25 – A fervorosa emenda de toda a nossa vida	82

Livro II — A VIDA INTERIOR

Capítulo 1 – O convívio interior	89
Capítulo 2 – A humilde submissão	92
Capítulo 3 – O homem bom e pacífico	93
Capítulo 4 – A mente pura e a intenção simples	95
Capítulo 5 – A consideração de si mesmo	96
Capítulo 6 – A alegria da boa consciência	98
Capítulo 7 – O amor de Jesus sobre todas as coisas	100
Capítulo 8 – A familiar amizade de Jesus	101
Capítulo 9 – A privação de toda consolação	103
Capítulo 10 – A gratidão pela graça de Deus	106
Capítulo 11 – O pequeno número dos que amam a cruz	108
Capítulo 12 – O régio caminho da santa cruz	110

Livro III — A CONSOLAÇÃO INTERIOR

Capítulo 1 – O colóquio interior de Cristo com a alma fiel	117
Capítulo 2 – O que a Verdade fala interiormente sem o rumor das palavras	118
Capítulo 3 – As palavras de Deus hão de ouvir-se com humildade e muitos não as consideram devidamente	120

ORAÇÃO PARA IMPLORAR A GRAÇA DA DEVOÇÃO

Capítulo 4 – Há de se viver na humildade e na verdade diante de Deus ...	125
Capítulo 5 – O admirável afeto do amor divino	127
Capítulo 6 – A prova do verdadeiro amador	130
Capítulo 7 – Há de se ocultar a graça sob a custódia da humildade	132
Capítulo 8 – A vil estimação de si mesmo aos olhos de Deus	134
Capítulo 9 – Há de se referir tudo a Deus como a seu último fim	135
Capítulo 10 – Doce é servir a Deus, desprezando-se o mundo	136
Capítulo 11 – Os desejos do coração hão de ser examinados e moderados	138
Capítulo 12 – A formação da paciência e o combate contra as concupiscências	139

Capítulo 13 – A obediência de um súdito humilde a exemplo de Jesus Cristo	141
Capítulo 14 – Hão de considerar-se os ocultos juízos de Deus para não nos orgulharmos das virtudes	143
Capítulo 15 – Como se há de conduzir alguém e de falar em toda coisa que desejar	145
ORAÇÃO PARA CUMPRIR A VONTADE DE DEUS	147
Capítulo 16 – O verdadeiro consolo há de procurar-se somente em Deus	149
Capítulo 17 – Toda solicitude deve pôr-se em Deus.....	150
Capítulo 18 – Hão de suportar-se com serenidade de ânimo as misérias temporais, a exemplo de Cristo.....	151
Capítulo 19 – A tolerância ante as injúrias e quem se designa como verdadeiro paciente	153
Capítulo 20 – A confissão da própria debilidade e as misérias desta vida.....	155
Capítulo 21 – Em Deus se há de descansar, por sobre todos os bens e dons	157
Capítulo 22 – A lembrança dos múltiples benefícios de Deus	160
Capítulo 23 – Quatro realidades que suscitam grande paz	162
ORAÇÃO CONTRA OS MAUS PENSAMENTOS	163
ORAÇÃO PARA A ILUMINAÇÃO DA MENTE	165
Capítulo 24 – Evitar a curiosa inquirição da vida alheia.....	167
Capítulo 25 – Em que consiste a sólida paz do coração e o verdadeiro aproveitamento.....	168
Capítulo 26 – A eminência da mente livre, que a súplice oração merece mais do que a leitura.....	170
Capítulo 27 – O amor-próprio impede grandemente que se chegue ao Sumo Bem	172
ORAÇÃO PARA A PURIFICAÇÃO DO CORAÇÃO E A AQUISIÇÃO DA SABEDORIA CELESTE	173
Capítulo 28 – Contra as línguas dos detratores	175
Capítulo 29 – De que modo deve ser invocado Deus ao sobrevir a tribulação	176
Capítulo 30 – O divino auxílio, que se há de pedir, e a confiança em recuperar a graça.....	177

Capítulo 31 – A negligência ante toda criatura para que se possa encontrar o Criador	179
Capítulo 32 – A abnegação de si mesmo e a abdicação de todo desejo	181
Capítulo 33 – A instabilidade do coração e a intenção final que a Deus se há de dirigir	183
Capítulo 34 – Para quem O ama, Deus é mais saboroso do que tudo e dentre tudo	184
Capítulo 35 – Não há segurança ante a tentação nesta vida	186
Capítulo 36 – Contra os vãos juízos dos homens	188
Capítulo 37 – A pura e íntegra renúncia de si para obter a liberdade de coração	189
Capítulo 38 – A boa maneira de conduzir-se nas realidades exteriores e o recurso a Deus nos perigos	191
Capítulo 39 – Não se importune o homem em seus afazeres	192
Capítulo 40 – O homem não tem de si mesmo nada de bom e em nada há de gloriar-se	193
Capítulo 41 – O desprezo de toda honra temporal	195
Capítulo 42 – A paz não há de depender dos homens	196
Capítulo 43 – Contra a ciência vã e mundana	197
Capítulo 44 – Não se hão de arrastar as coisas exteriores	199
Capítulo 45 – Não se há de dar crédito a todos e como se cai facilmente por palavras	200
Capítulo 46 – A confiança que se há de ter em Deus quando irrompem os dardos das palavras	203
Capítulo 47 – Todas as penas se hão de tolerar pela vida eterna	205
Capítulo 48 – O dia da eternidade e as angústias desta vida	207
Capítulo 49 – O desejo da vida eterna e quantos prêmios se prometeram aos que lutam	210
Capítulo 50 – Como o homem desolado deve entregar-se nas mãos de Deus	213
Capítulo 51 – A obras humildes se há de dedicar o homem quando não é capaz das elevadas	216
Capítulo 52 – O homem não se estime digno de consolação, mas sim de flagelos	217
Capítulo 53 – A graça não se une aos que gostam do que é terreno	219
Capítulo 54 – Os diversos movimentos da natureza e da graça	221
Capítulo 55 – A corrupção da natureza e a eficácia da graça divina	224
Capítulo 56 – Devemos negar-nos a nós mesmos e imitar a Cristo pela cruz	227

Capítulo 57 – Não se abata demais o homem quando resvala em alguns defeitos	229
Capítulo 58 – Não se hão de perscrutar as realidades mais altas, nem os ocultos juízos de Deus.....	231
Capítulo 59 – Toda esperança e confiança hão de pôr-se em Deus somente	235

Livro IV – EXORTAÇÃO DEVOTA À SAGRADA COMUNHÃO DO CORPO DE CRISTO

Proêmio	239
Capítulo 1 – Com quanta devoção se há de receber o Cristo	241
Capítulo 2 – A grande caridade e a bondade de Deus manifestam-se ao homem no Sacramento.....	245
Capítulo 3 – É útil comungar com frequência	247
Capítulo 4 – Muitos bens se concedem aos que comungam devotamente	249
Capítulo 5 – A dignidade do Sacramento e o estado sacerdotal.....	252
Capítulo 6 – Interrogação sobre um exercício preparatório antes da comunhão.....	254
Capítulo 7 – O exame da própria consciência e o propósito de emenda	255
Capítulo 8 – A oblação de Cristo na cruz e a própria resignação	257
Capítulo 9 – Devemos oferecer-nos a Deus com tudo o que é nosso e por todos orar.....	258
Capítulo 10 – Não se deve deixar facilmente a sagrada comunhão	260
Capítulo 11 – O Corpo de Cristo e a Sagrada Escritura são necessários à alma fiel	263
Capítulo 12 – Com grande diligência se deve preparar quem vai receber o Cristo na comunhão	266
Capítulo 13 – A alma devota deve almejar de todo o coração unir-se a Cristo no Sacramento	268
Capítulo 14 – O ardente desejo de alguns devotos pelo Corpo de Cristo	270
Capítulo 15 – A graça da devoção adquire-se com a humildade e a abnegação de si mesmo	272
Capítulo 16 – Devemos manifestar a Cristo as nossas necessidades e suplicar-Lhe Sua graça	274
Capítulo 17 – O amor ardente e o veemente desejo de receber a Cristo ...	276
Capítulo 18 – Não seja o homem um curioso perscrutador do Sacramento, mas humilde imitador de Cristo, sujeitando seu parecer à sagrada fé	278



INTRODUÇÃO

Heres Drian de O. Freitas

Se hoje o sucesso de uma obra é indicado pela quantidade de suas edições e traduções, até o início da era moderna era-o por sua reprodução manuscrita. Quanto à *Imitação de Cristo* – doravante *Imitação* –, afirma-se, praticamente em toda introdução à obra e comentário a seu respeito, que é um dos textos mais lidos e reproduzidos da literatura cristã. Manuscritos, edições e traduções testemunham seu sucesso. A bibliografia reporta mais de 800 manuscritos, traduções foram feitas logo depois da publicação do original latino, e suas edições, em latim e em vernáculo, multiplicaram-se com o advento da imprensa.¹

“Obra-prima da ascese e da mística cristã”,² o texto da *Imitação* tocou o coração de uma miríade de leitores em seu mais de meio milênio de existência: influenciou santos, como Teresa d’Ávila, Tomás Morus, Carlos Borromeo, Inácio de Loyola, Dimitri de Rostov, Teresa de Lisieux, Dom Bosco e outros; considerado precursor da Reforma Protestante,³ foi saboreado por papas, como Pio XI, João XXIII, João Paulo I, apreciado por eruditos não ligados a ambientes eclesiásticos, como Augusto Comte e Voltaire, lido por muçulmanos⁴ e hindus,⁵ e citado em romances.⁶ Com razão, o livro que o leitor tem em mãos é um clássico. E mesmo que não seja um compêndio de doutrina cristã, contém o núcleo do que é o cristianismo: seguimento humilde de Cristo. Contudo, também é verdade que a obra, além de joia da espiritualidade cristã, é objeto de um plurissecular debate, nem sempre tranquilo, quanto a seu verdadeiro autor.

Datação e autoria

Sabe-se que o primeiro livro da *Imitação*⁷ – que não nasce como a conhecemos hoje – já circulava em 1424, ano de que é datado o mais antigo manuscrito com esse livro, e os livros 2, 3 e 4 estavam concluídos em 1427,⁸ ano de que é datado o mais

antigo manuscrito com os quatro livros. Pode-se, portanto, a partir de critérios codicológicos, datá-lo, no conjunto de seus quatro livros, entre 1424-1427. Contudo, como o mais antigo manuscrito da *Imitação* não é o manuscrito original do autor, tende-se a, cautelosamente, retrair sua datação a, se não a antes, 1420-1427.

Quanto à autoria, ainda que, em geral, concorde-se que a *Imitação* seja obra de um só autor,⁹ ao longo de sua transmissão manuscrita, foram-lhe atribuídos mais de quarenta autores diferentes. Assim, um dos indicadores de seu sucesso inicial, a grande quantidade de manuscritos,¹⁰ tornou-se fonte problemática para a determinação do autor, de modo que se identifica a complexa tradição manuscrita com a complexa questão autoral: tanto em sua circulação como livros independentes quanto como unidade codicológica, há manuscritos em que o texto circulou como anônimo e há outros em que a atribuição da paternidade da obra, feita pelos próprios copistas, é muito variável. Além de muitos outros, já foram considerados autores da *Imitação* João Escoto Erígena, São Bernardo de Claraval, o Papa Inocêncio III, Tomás Gallo, Davi de Augsburg, São Boaventura, Ubertino de Casal, Pedro de Corbario, Ludolfo de Saxônia, Henrique Eger, Walter Hilton.

No início do século XVII, teve início uma disputa acerca do verdadeiro autor da *Imitação*. Uma polêmica que, ora mais ora menos inflamada – e não raramente carregada de sentimentos nacionalistas –, chegou a ser motivo de processos judiciais em Paris.¹¹ A disputa chegou até nossos dias, mas atualmente se encontra reduzida a três personagens:¹² Giovanni Gersen,¹³ Jean Gerson¹⁴ e Tomás Kempis.¹⁵

Giovanni Gersen seria um abade (1220-1250) beneditino de Verceli.¹⁶ Quase trinta manuscritos atribuem a ele a autoria da *Imitação*. O problema para essa atribuição parece estar na dificuldade de demonstração da historicidade do personagem, apoiada em documentação não muito consistente. Além disso, considerando-se o sucesso da obra – a menos que se tratasse de uma composição extemporânea e, por isso, esquecida, o que soa estranho –, é incomum a ausência, por quase dois séculos, de manuscritos. Talvez Gersen seja grafia errônea de Gerson.¹⁷

Alguns manuscritos trazem Jean Charlier Gerson (1363-1429) como autor da *Imitação*. Gerson foi chanceler da Universidade de Paris e gozava de boa fama como autor espiritual. Mas a *Imitação* não consta na lista de suas obras autênticas – nem na que ele mesmo fez nem na que fez seu irmão – e seu estilo parece não condizer com o destas últimas. Além disso, por que um autor renomado publicaria um texto que faria circular inicialmente como anônimo?

Tomás Hemerken (1379/1380-1469/1471), a quem grande número de manuscritos atribui a paternidade da obra, é conhecido pelo nome da cidade onde nasceu, Kempen – *Kempis*, na forma latina – (hoje na Alemanha). Estudou com os Irmãos da Vida Comum, em Deventer (Holanda), e tornou-se cônego no priorado de Agnietenberg (monte Santa Agnes, ou Inês, perto da cidade de Zwolle, pertencente à Congregação de Windesheim). Aí fez seus votos (1406), foi ordenado sacerdote (1413/1414) e foi mestre de noviços, copista e escritor.¹⁸

Os estudos históricos de J. Huijben e P. Debongnie e os codicológicos de L. M. J. Délaissé – que se dedicou a um manuscrito autógrafo datado de 1441¹⁹ – convencem muitos imitacionistas quanto à paternidade kempista da obra. Contudo, permanece sem esclarecimento satisfatório a razão de o texto ter circulado anonimamente antes do autógrafo: por que Kempis assumiria a autoria da obra somente num manuscrito com os quatro livros e cerca de vinte anos depois da primeira publicação do já difuso livro 1? Além disso, as edições críticas posteriores – e, por conseguinte, grande número das edições de nossos dias – não seguem a ordem dos livros adotada no autógrafo de Tomás: 1, 2, 4, 3.²⁰ Há, portanto, ainda, questões a serem esclarecidas.²¹ Mesmo assim, dois dados aparentemente certos sobre o autor são extraíveis da própria obra: em colóquio com Deus, ele nos diz que é monge (III, 10) e sacerdote (celebra a Eucaristia: III, 3; sente o Senhor dizer-lhe que deve celebrá-la fielmente: IV, 5; e pede a Ele que lhe conceda celebrá-la dignamente: IV, 11).²² Não podemos, até o momento, ir além.

Talvez o melhor que possamos fazer seja deixar aos pesquisadores a investigação acerca do autor da *Imitação*, e acolher um conselho que ele mesmo – independentemente de quem

seja – nos dá: “Não te sirva de obstáculo a autoridade do escritor, [...] mas o amor da pura verdade atraia-te a ler. Não procures saber quem disse tal coisa, mas presta atenção ao que se diz” (*Imitação* I, 5), neste caso, a esta joia legada pela *Devotio moderna*.

A *Devotio moderna*

Iniciado por um bem educado e erudito leigo de família abastada, Geert Groote (1340-1384),²³ de Deventer (Holanda), no final do séc. XIV, o movimento espiritual chamado *Devotio moderna*²⁴ – devoção moderna, contemporânea, atual – floresceu nos Países Baixos, na Alemanha e alhures.

Ainda que tivesse benefícios eclesiásticos, Groote não levava uma vida muito virtuosa. Por volta de 1374, converte-se, abandona seus benefícios, retira-se numa cartuxa em Munikhuisen e decide abraçar uma vida ascética, de pobreza e verdadeira devoção. Em 1377, passa um tempo com o místico e escritor Jan van Ruysbroek (1293/1294-1381),²⁵ para conhecer sua concepção da vida monástica. Ordenado diácono, recebe permissão para pregar na diocese de Utrecht e, de volta a Deventer, na casa de Florens Radwijn († 1400), seu amigo e discípulo, dá início aos Irmãos da Vida Comum,²⁶ grupo de leigos – homens e mulheres – e sacerdotes seculares, cujo fim último era abandonar o mundo, dedicar-se somente a Deus, preparar-se para a vida eterna. Os Irmãos da Vida Comum distinguiram-se das demais ordens regulares pelo fato de não terem votos oficiais e suas comunidades não terem, inicialmente, a organização dos mosteiros de então.

Florens Radwijn, após a morte de Groote – devido à peste negra –, dá continuidade à obra iniciada por este último e estabelece a “Congregação dos Cônegos Regulares de Windesheim”, sob a Regra de Santo Agostinho. Irmãos e Cônegos levavam uma vida de estilo mais contemplativo, em comunidades centradas na oração e na piedade individuais, na ascese interior. Essas comunidades tornaram-se influentes centros de promoção de reforma monástica e de forte espiritualidade, difundidas por seu próprio modo de vida, como também, principalmente, por antologias – conhecidas como *Rapiaria* ou *Collectaria* – das

Escrituras e de textos espirituais vários, bem como por obras de seus próprios membros, normalmente em vernáculo. Suas comunidades parecem ter tido bons *scriptoria*²⁷ e escolas.

A promoção da reforma monástica, e do meio eclesiástico em geral, era intencional e clara – e necessária –, pois, não só naquela região,²⁸ instituições eclesiásticas manifestavam decadência moral. A pobreza do movimento, de poucas posses e em comum, e a simplicidade de seus edifícios, bem como sua pregação, opunham-se à riqueza de mosteiros, abadias, conventos, dioceses... Seu modo de vida atraía leigos e sacerdotes seculares, normalmente pobres e de modesta ou nenhuma erudição, para os quais a produção literária – direta ou fruto de pregações – do movimento era bastante apropriada, não por adequação editorial, mas por ser, conforme seu estilo de vida, acessível a qualquer pessoa.

O acento na vida interior, na piedade e na devoção pessoal, numa recolhida relação de intimidade, portanto, entre a alma e Deus, determinavam sua vida litúrgica e, preferencialmente, excluía elementos paralitúrgicos, como procissões e peregrinações,²⁹ o que explica suas poucas e simples celebrações corais. Assim, o movimento – intencionalmente – instruía e plasmava a vida cristã de gente simples, que de teologia sabia pouco, mas das discrepâncias entre a moral cristã e a do dia a dia, particularmente a do clero, sabia muito. Por isso o movimento procurou, desde o início, descobrir e incentivar procedimentos práticos e eficazes para realizar seu objetivo. O melhor deles, e mais característico, foi a proposta da ascese de tipo psicológico interior, com análise e introspecção. Daí uma espiritualidade mais “afetiva”, extremamente mais acessível que uma fundada em especulações teológicas. Por fim, uma oração pessoal como diálogo interior com Deus. Não se privilegiavam – aliás, o movimento desconfiava e destacou-se dos – estados de experiência mística mais extática e mais especulativa, mas estados interiores comuns, como a desolação, a contrição, a consolação.

O contexto histórico, caracterizado fundamentalmente por uma inquietação generalizada,³⁰ em que surgiu a *Devotio moderna* deve ter contribuído para o desenvolvimento de suas